

Trump recua de novo e adia ultimato para depois da Páscoa

Nova moratória de ataques vem depois de Irã recusar proposta dos americanos

Em mais um capítulo da nebulosa negociação entre Estados Unidos e Irã acerca de uma trégua na guerra que assola o Oriente Médio, Donald Trump disse que vai estender sua moratória a ataques contra o sistema energético da teocracia até a segunda-feira após a Páscoa, 6 de abril.

A medida foi anunciada, como é usual, na rede do presidente, a Truth Social. Segundo ele, “ao contrário do que diz a mídia das fake news”, as conversas com o Irã “vão muito bem”.

Recapitulando, o americano havia ameaçado atacar o sistema de energia do país persa, uma promessa para o caso de o Irã não reabrir o estreito de Hormuz feita em ultimato no sábado (21), que foi suspensa na segunda (23) até o sábado (28).

Trump havia apresentado, por meio do Paquistão, um plano de 15 pontos que incluía itens já acomodados pelo Irã em negociações anteriores, como a renúncia à bomba atômica, mas também diversos temas inaceitáveis para os aiatolás, como o total desmantelamento de suas capacidades nucleares e de seu programa de mísseis ofensivos.

Nesta quinta, o Irã deixou claro rejeitar a proposta.



Joyce N. Boghosian/ Casa Branca

Presidente havia feito ameaças; medida dá tempo para chegada de soldados para ação terrestre

Segundo a agência de notícias Reuters, Teerã considerou a proposta “unilateral e injusta”, mas deixou a porta aberta para negociações. Por sua vez, a iraniana Tasnim informou que a teocracia já enviou, por meio de turcos e paquistaneses, sua visão maximalista para o fim do conflito.

Ela pede o fim da guerra, garantias concretas para evitar novos ataques e compensações pelos da-

nos sofridos. Além disso, o Irã diz que vai manter o controle sobre Hormuz. A Tasnim não disse o que o Irã falou sobre seu programa nuclear, mas a posição do regime é conhecida até agora.

Antes do novo adiamento do ultimato, Trump havia criticado o Irã na mesma rede social. Ele escreveu que “os negociadores iranianos são muito diferentes e estranhos”.

“Eles estão nos implorando para fazer um acordo, mas publicamente dizem que estão só ‘olhando para nossa proposta.’ ERRADO!!! É melhor eles levarem a sério agora, antes que seja tardiamente, porque quando aquilo acontecer, NÃO HAVERÁ VOLTA, e não será bonito”, escreveu com as usuais maiúsculas na rede Truth Social.

Mais tarde, numa reunião na

Casa Branca, ele disse a repórteres que não descarta “ficar com o petróleo do Irã”. “Vamos ver se eles querem [um acordo]. Se não, nós somos o pior pesadelo deles. No meio-tempo, nós vamos simplesmente explodi-los”.

Depois, fez a surpreendente postagem.

O americano pode estar ganhando tempo, apenas, como já disseram temer os iranianos. Além dos eventuais ataques ao sistema energético, os EUA se preparam para a hipótese de ações terrestres, ou ameaçam isso. Com o cenário, o petróleo subiu para US\$ 105 o barril Brent.

Nesta sexta (27) deverá chegar à região o primeiro grupo de 2.500 fuzileiros navais em uma flotilha, enquanto outro deverá chegar até o fim da próxima semana, a tempo do novo ultimato. Há relatos de que até 2.000 paraquedistas de elite do Exército também podem ser mobilizados.

A especulação é de um ataque à ilha de Kharg, centro de exportação de 90% do petróleo do Irã, embora seja uma ação arriscada. Outra hipótese é tentar tomar trechos da costa de Hormuz, igualmente perigoso e insustentável no médio prazo.

Por Igor Gielow (Folhapress)

Nos EUA, apoiadores de Trump justificam guerra do Irã

“Você é a favor ou contra Trump?”, pergunta à reportagem Blake Zuma, 62, integrante do grupo de ativistas conservadores Trump Tribe of Texas. Na CPAC, o maior evento conservador do mundo, o grupo, que consiste de cinco pessoas, veste jaquetas douradas com o sobrenome do presidente americano nas costas. Além disso, cada um usa uma letra que, juntas, formam T-R-U-M-P.

Neste ano, o evento —que reúne políticos e personalidades da direita do mundo todo— acontece em Dallas, no Texas. Enquanto as pesquisas indicam queda na aprovação de Trump, sua base continua fiel na convenção.

Para Blake, por exemplo, o segundo mandato tem sido positivo. Ela não se define como “a favor da guerra”, mas afirma que o presidente entrou em conflito com o Irã porque os Estados Unidos estariam sob ameaça do país persa —uma retóri-

ca que vem mudando desde o início dos ataques, que completam um mês no fim de semana.

Na infância, Blake viveu com a família em outros países, incluindo o próprio Irã, e ela espera assistir ao discurso do príncipe herdeiro Reza Pahlavi, filho do xá deposto pelos aiatolás, que está na programação do CPAC. “Não ficamos por muito tempo. Percebemos rapidamente que a situação estava ficando perturbadora e voltamos [para os Estados Unidos]”, disse.

Em meio à escalada de tensões no Oriente Médio, Trump não participará do evento pela primeira vez em dez anos —ele costumava encerrá-lo com um discurso. Segundo um funcionário da Casa Branca, o republicano não poderá comparecer por “questões de agenda”. “Ele está engajado na condução do conflito com o Irã e lidando com outros temas críticos”, afirmou o funcionário.



Reuters/ Folhapress

Apoiadores de Trump compareceram ao evento conservador

Zuma, no entanto, não parece desanimada. “Pode ser que ele ainda apareça”, diz, apesar da negativa da Casa Branca. Já o casal de aposentados William Diaz, 66, e Anne Diaz afirma que a justificativa para a ausência é compreensível.

“Eu gosto de guerra? Não. Esperava que isso não precisasse acontecer”, diz William, que pondera que, em sua avaliação, o conflito atual não será tão duradouro quanto outros, como o do Iraque.

“Trump toma decisões com base no que é melhor para o mundo, não na política. Acho que ele realmente viu uma ameaça existencial vindo do Irã para Israel e outros países, por

causa da proximidade de [Teerã] desenvolver uma arma nuclear.”

Nascido em Cuba, William relata que ainda tem parentes vivendo na ilha, mas nunca voltou ao país natal e não pretende retornar enquanto o regime comunista estiver no poder. Se isso mudar, diz, consideraria a possibilidade. “Enquanto for comunista, não visito. Mas, se houver uma mudança, gostaria de ir.”

Diante das recentes declarações de Trump sobre “tomar Cuba”, William avalia que o país já enfrenta uma situação crítica e que não precisaria de “muita intervenção americana”. “Vai colapsar até o

fim do ano”, afirma.

No evento, ele espera também ouvir os discursos do pré-candidato pelo PL à Presidência do Brasil, Flávio Bolsonaro, e do ex-deputado federal Eduardo Bolsonaro. “Por eu ter nascido em um país comunista, eu desejo que países como o Brasil não continuem indo mais para a esquerda”, diz.

A juíza aposentada e cerimonialista Sara Canady vestia uma camiseta com os dizeres “MAGA 2028”, em referência a uma possível candidatura de Trump a um terceiro mandato. Ela ri e afirma que é apenas uma brincadeira. “É algo que deixa [a esquerda] louca”, diz.

O presidente afirma, desde que foi reeleito, que vai se candidatar novamente em 2028 —algo que seria inconstitucional, uma vez que, nos EUA, só são permitidos dois mandatos presidenciais, consecutivos ou não.

Canady, que foi candidata ao Senado dos EUA no Texas, afirma que não ficou chateada por não encontrar o presidente na CPAC. “Tudo bem, eu o vi em Corpus Christi [cidade no Texas] duas semanas atrás. Eu só esperava que ele me apoiasse, mas ele nunca me conheceu pessoalmente.”

Por Isabella Menon (Folhapress)